

Bordado de encomenda

WILSON TEIXEIRA SOARES
Coordenador de Política

Em morna cadência, até mesmo civilizada, vai-se encerrando a primeira campanha eleitoral em Brasília. Uma campanha que, em seu despertar, prometia pesados confrontos entre o governador José Aparecido e a maioria dos partidos envolvidos na disputa. Que, por falta de traquejo político, acreditaram na estratégia de safurar votos centrando fogo de barragem em Aparecido.

Ironicamente, os dividendos e bonificações resultantes dessa ingênua ação foram embolsados não pelos candidatos que decidiram transformar o velho político mineiro, formado na escola da UDN, em desvio para o Congresso. E, sim, pelo próprio Aparecido.

Desastrados aprendizes de felicitelros, os candidatos que apostaram na fragilidade do governador como fórmula para garantir a preferência de expressivos segmentos do eleitorado perceberam-se, de um momento para o outro, frente a uma azetada máquina administrativa que pulverizou resistências. Inclusive ideológicas.

Sem dúvida alguma ignorantes a respeito de uma realidade pragmática — a tinta da caneta do governo só esvazia na metade do último quarto do mandato —, os candidatos candangos, capitaneados pelo desastrado Múcio Athayde, acreditaram que a via mais cômoda de acesso ao

Congresso-Constituinte era um atalho chamado Palácio do Buriti.

O tempo, breve, se encarrugaria de evidenciar que a avaliação, sem dúvida alguma, era precipitada. E os primeiros neófitos a surpreenderem-se com as artimanhas inonantes de Aparecido, hábil manobreiro das forças exclusivas do poder, foram os próprios integrantes da ala progressista do PMDB.

Decididos a emparedar o governador, os candidatos autoproclamados de esquerda, prejudicados pelo uso de antolhos, entregaram de mão beijada ao governador um bem-vinda carta de alforria a partir do momento em que julgaram estar a cavaleiro sobre uma dócil montaria.

De trato ameno mas pouco afeto à docilidade, Aparecido regozijou-se com a outorga de independência; e não perdendo tempo em alçar vôo de colorações suprapartidárias, relegou o PMDB candango a um imediato segundo plano para perfilhar, no melhor estilo paternalista, candidaturas de partidos vãos.

Pouco afeta aos mistérios políticos-eleitorais, a ala mais atuante do PMDB acreditou, ainda assim, dispor de cacife suficiente para encilhar o governador e dele exigir submissão, contrapartida da frustrada iniciativa, os progressistas, uma vez constatado o erro, poluíram suas convicções e abrigaram-se sob as asas

de Aparecido.

Agora, convulsões apascentadas, contam-se nos dedos de uma mão esquerda, se tanto, as cadeiras que poderão ser ocupadas por candidatos que, por convicção ideológica, política ou absoluta falta de alternativa, mantêm o governador na alça de mira. Como o professor Lauro Campos, do PT, o advogado Maurício Corrêa, do PDT, e o empresário pefelista Osório Adriano.

O que, admita-se, é um rarefeito saldo para a campanha que acenava com promessas de aniquilamento de Aparecido em função de um alegado não-compromisso do governador para com os problemas do Distrito Federal; mas que no seu apagar de luzes transformou sua liderança em realidade incontrolável.

Afinal, ter fundos suficientes para conduzir ao Congresso pelo menos dois terços de uma bancada de 11 membros é, aprecie-se ou não Aparecido, prova de irrefutável sabedoria política. Tola, contudo, que o governador faz questão de afirmar que não bordou de encomenda.

Docemente constrangido, garantindo, em tom de comício, que seu sonho maior era apreciar a eleição de um bancada que reproduzisse a mescla físico-cultural que é, hoje, a capital dos Países. Como convém em público a um político mineiro da Chapada Diamantina, mais precisamente do Cerro.